

O Profeta da Paz

No início da década de 70 e, durante esta, principalmente, **ele**, passaria a viver uma série de horrores, afinal, **ele** era... *líder dos insubordinados, incorrigível agitador, perigoso esquerdista, contumaz agitador, advogado do Terceiro Mundo, pai da mentira, herdeiro espiritual de Antonio Conselheiro, gralha tagarela, comunista sino-cubano, pombo correio das esquerdas, ganhão da desordem social, caixeiro viajante da difamação...* . Não eram poucos seus caluniadores. Indivíduos como Gustavo Corção, Gilberto Freyre, Nelson Rodrigues, David Nasser, todos, sempre tratavam com muito respeito e consideração àquele que deu carta branca ao aparelho repressor, o general Garrastazu Médice, pois, **atacá-lo** era uma credencial que agradava e simbolizava o apoio incondicional à Ditadura.

Pior viria, quando **ele**, foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz, durante os primeiros anos da década de 70 e até 1974. A indicação e os rumores do possível prêmio, colocou em polvorosa os democratas da Ditadura. Tudo se inicia, em 1970, grupos de parlamentares da Holanda, Suécia, França e Irlanda, apoiados, inclusive, pelo ganhador do prêmio, em 1968 (René Cassin) e, principalmente, apoiado por cinco milhões de assinaturas latino-americanos, afinal, nas palavras do próprio Cassin: *“O prêmio da Paz seria uma manifestação valiosa de solidariedade humana numa situação dominada pelo terrorismo e pela opressão”*.

O otimismo por parte **d’ele** era latente, desconhecia, entretanto, o esforço e a dedicação do governo de Médice para abortar tal prêmio, para isso, o apoio da mídia brasileira, capitaneada pelo jornalista Júlio de Mesquita Neto, dono do jornal O Estado de São Paulo, o ESTADÃO. Durante os anos seguintes, 71, 72, 73 e 74 a luta continua, mais assinaturas, mais apoio estrangeiro e o jogo das forças contrárias, também. Torna-se mais forte, agora com a ajuda da embaixada brasileira em Oslo, na pessoa do embaixador Jaime de Souza-Gomes; o Estadão, por sua vez publica *“... Ele é um grande admirador de Fidel Castro e vê líderes como Che Guevara e Camilo Torres como modelos. Na América Latina, ele tem chegado a ser uma personalidade sumamente controversa. Alguns o consideram um oportunista, enquanto outros o acusam de mentir quando lhe é conveniente. A verdade aqui, como acontece tão frequentemente é difícil de esclarecer. Mas será uma personalidade tão controversa merece ganhar o Nobel da Paz”*. Eles venceram.

Em resposta, em fevereiro de 1974, no salão nobre da prefeitura de Oslo, diante de 1 500 convidados, em uma cerimônia transmitida pela Eurovisão para trinta países, **ele** foi agraciado com o Prêmio Popular da Paz. Desde 1962 e até 1992, foram 24 prêmios e distinções, pode-se citar: Prêmio Memorial Juan XXII, VII aniversário de *Pacis in Terris*, Sección Española de *Pax Christi*, 11/4/70; Prêmio Martin Luther King, Atlanta

(EUA), 12/8/70; premio “*Niwano Peace Prize*”. Atribuído pela primeira vez pela Niwano Peace Foundation, Tóquio, Japão, 7/4/1983. O dinheiro recebido por **ele**, advindo dos premios eram aplicados em assentamentos rurais, comprou os engenhos Ipiranga, no Cabo e Taquari, em Sirinhaém. Recebeu por ocasião dos Premios Populares da Paz, entregue em Oslo e Frankfurt, cerca de 300.000 dólares, destino: aquisição de um terceiro engenho, de 810 hectares, em Amaragi. Todos na zona canavieira de Pernambuco.

Por que todos os epítetos do início desse artigo? Por que a censura aos meios de comunicação brasileiros? Por que os ataques dos defensores do regime? Por que prelados como dom Sigaud, se esforçava tanto contra ele? Por que isso tudo contra esse homem? Simples, durante toda a vida defendeu os mais pobres, fundou a Cruzada de São Sebastião e o Banco da Providencia, no Rio de Janeiro; fundou a CNBB. Não compareceu à famosa Marcha para a Família com Deus para a Liberdade, comandada por Dom Jaime Câmara, no dia de 19 de março de 1964, com amplo apoio da Rede Globo, de Roberto Marinho. Assim, estava selado seu futuro com a ditadura que logo aconteceria. A ala conservadora da Igreja mostrava sua face “... *É louvável que as valiosas Forças Armadas estejam dispostas a cumprir até o fim de seu plano de livrar a nação dos comunistas. Certamente a tarefa não será fácil. O comunismo no Brasil avançava a galope. Só restavam as Forças Armadas para impedir que caíssemos sob o jugo dos traidores.*” (Dom Jaime Câmara). E **ele** escolheu a “neutralidade”, por algum tempo, **ele** não expressou nenhuma declaração inequívoca e frontalmente contrária ou favorável ao golpe de Estado. Logo, essa neutralidade, dava lugar a defesa, a denúncia, contra as perseguições e as torturas praticada pela chusma democrática. Qualquer ato **d’ele** era duramente atacado. Quando a Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco o condecorou com o título de cidadão pernambucano (25/9/67) **ele** denunciou, em seu discurso, a situação de miséria que se encontrava a maioria da população nordestina e a situação dos trabalhadores da indústria da cana. Foi o bastante para a mídia pernambucana e outras o taxarem de simpatizante do marxismo; **Ele** mesmo brincava com isso: “Se eu dou comida a um pobre, me chamam de santo, mas se pergunto por que ele é pobre me chamam de comunista”, assim foi a vida de quem, denunciou e praticou com intransigência a defesa dos pobres e de presos políticos. Atacá-lo era bonito e certo pelos generais e áulicos de plantão. Segundo, o jornalista Jânio de Freitas, o triste e famoso brigadeiro Burnier, “... *pretendia, entre outras coisas... lançar, de um avião, para a morte no mar*”.

Ele, Dom HELDER Pessoa CAMARA, é o 11º filho de João e Adelaide. Nasceu em Fortaleza a 7 de fevereiro de 1909, portanto, comemora-se 100 anos a passagem do Profeta da Paz. Perseguido, detratado, vilipendiado pelos poderosos da época foi agraciado com o título de *Doutor Honoris Causa* em 32 universidades, dentre elas, a de Harvard (EUA), 1974 em Direito; Universidade de Paris Pantheon Sorbonne, em 1975,

em Direito; Universidade de Florença, Itália, em 1977, em Economia e Comércio. Escreveu 18 obras literárias, traduzidas em inglês, francês, espanhol, alemão, italiano, coreano, chinês e sueco. Sobre ele, foram escritas 52 obras.

Faço, essa homenagem, ao homem que sempre admirei e que o acompanhei, coincidentemente, pois, morei no Rio à época dele, posteriormente, no Recife, onde tive a honra e o prazer de cumprimentá-lo pessoalmente, nos idos de 1982. Nesse mesmo ano, foi saudado publicamente, por ocasião da visita de João Paulo II, no Recife, com “Irmão dos pobres e meu Irmão”.

Morreu no lugar onde vivera nas três últimas décadas, no fundo da igreja das Fronteiras, na noite de sexta feira de 27 de agosto de 1999, aos 90 anos. Está sepultado na Catedral da Sé, em Olinda.

Luciano Moraes Coelho, professor. Departamento de Economia da Universidade da Região de Joinville, UNIVILLE.